

Perspectivas, Tendências e Polêmicas nos Estudos da Tradução: Comentários do Debatedor

John Robert Schmitz

Instituto dos Estudos da Linguagem-Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 6045- 13083-970, Campinas-SP-Brasil

Abstract. *As coordinator of the round-table concerned with the area of Translation Studies, in this afterword, I comment on the papers read by four specialists involved in teaching, research and translation in Brazil.*

Keywords. *Derrida; Hurtado Albir; deconstruction; translation competence; visibility.*

Resumo. *Na qualidade de debatedor da mesa-redonda voltada para a disciplina de Estudos da Tradução, faço, neste encaminhamento, alguns comentários sobre as respectivas comunicações apresentadas por quatro especialistas brasileiras engajadas no mercado da tradução, na pesquisa e no ensino da tradução em nível superior.*

Palavras-Chave. *Derrida; Hurtado Albir; desconstrução; competência tradutória; visibilidade.*

A mesa redonda, cujo foco é a área de Estudos de Tradução, objetiva, em primeiro lugar, a apresentação de uma visão geral a respeito das diferentes correntes teóricas existentes e, em segundo lugar, um debate sobre os principais temas polêmicos que constituem a referida disciplina nesta primeira década do século XXI.

Na qualidade de debatedor da atividade, pretendo comentar as comunicações na ordem de sua apresentação durante o evento. Das quatro apresentadoras, três encaminharam os respectivos trabalhos por escrito (Rodrigues, Darin, e Ferreira) para a redação deste relato. A quarta participante (Alfarano) optou por uma apresentação visual assistida pelo computador e resolveu não encaminhar uma versão escrita da intervenção, preferindo que este debatedor comentasse o conteúdo de alguns dos *slides* que integraram a sua apresentação.

Muito importante na comunicação intitulada “Ecos de Babel” de Cristina Carneiro Rodrigues é a preocupação por parte da autora com o perigo da crença em “... uma disciplina unificada abordada por uma única perspectiva” que implicaria “a imposição da perspectiva de um grupo” acarretando “... o silenciamento de vozes dissidentes”. Rodrigues acerta na sua crítica a Gentzler (2001) que rotula países tão diversos como Canadá, Brasil, Índia, Filipinas e Irlanda, como sendo parte de uma “periferia” uma “entre outras culturas pós-coloniais”. Os que trabalham no suposto “centro” nem sempre se dão de conta que a sua visão do mundo é uma construção de seu próprio imaginário. Diria que é temerário tentar “situar” ou rotular os outros. Cabe citar Said (1978) a esse respeito quando

argumenta que a noção de “Oriente” reflete uma visão construída pelos europeus para incluir ou excluir o que foi respectivamente conveniente ou inconveniente para eles. Neste início do século XXI, os países hegemônicos como EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Grã-Bretanha, por um lado, e os países chamados “o terceiro mundo”, por outro, têm várias características comuns que contribuem para a sua semelhança: (i) multilingüismo crescente, (ii) diversidade étnica, religiosa e cultural, (iii) migração, (iv) pobreza, (v) violência e (vi) desigualdade social e discriminação.

A autora traz para reflexão o nome de Jacques Derrida e a prática de desconstrução que tem contribuído para um questionamento de posturas logocêntricas no campo de tradução. A postura logocêntrica ou essencialista reverencia o autor de um determinado texto “original” e a língua-fonte na qual o referido texto está escrito. Essa orientação quer proteger os significados vistos como sempre estáveis e intocáveis. A crítica desconstrutivista funciona como um importante corretivo do rumo de diversas questões e equívocos da área de tradução. Para Derrida, uma tradução é na realidade um “outro original”. As idéias derridianas são estimulantes e provocantes, assim contribuindo para o dinamismo da disciplina. Nas palavras de Rodrigues, a desconstrução “atua no plano do traduzir, enquanto uma forma de leitura, enquanto atitude e estratégia”.

Rodrigues se refere ao debate havido entre Pym (1995) e Arrojo (1996) a respeito da presença da desconstrução na disciplina de estudos da tradução. Muitas ressalvas com respeito às idéias desconstrutivas se devem, na minha visão, a uma leitura “parcial” (nas duas acepções desta palavra!). Não tenho condições de afirmar se a leitura que Pym faz das obras de Derrida é incompleta ou tendenciosa. A pergunta central a respeito do debate .todo é a seguinte: A disciplina de estudos da tradução deve ser limitada a Derrida e à desconstrução ou deve haver uma multiplicidade de vozes? Pergunto se a desconstrução é uma teoria ou uma prática. Ela deveria chegar a ser **uma** teoria central ou **a** teoria central (grifos meus)? Sem sombra de dúvida o impacto das idéias desconstrutivistas é importante demais para ser ignorado. Um exemplo basta: *Deconstruction and Translation* de autoria de Kathleen Davis (2001).

A mesma importância dada à desconstrução por Rodrigues se observa também na intervenção intitulada “Tradução e Desconstrução: seu papel na Universidade Brasileira” de autoria de Élide Ferreira. Procedente é o comentário feito pela autora de que a desconstrução tornou possível, “deslocamentos de natureza epistemológica”. Ferreira observa também que a “dimensão desconstrutivista” tem sido salutar não somente para os estudos da tradução, mas também para a universidade brasileira em geral. Segundo ela, a introdução da desconstrução no contexto universitário brasileiro serviu institucionalmente como uma resistência a paradigmas tradicionais, a posturas conservadoras e à mecanização da tradução. A presença de desconstrução na universidade propiciou, sem dúvida, a elaboração de vários textos, teses e dissertações e livros em língua portuguesa na área de estudos da tradução. Cabe também citar o projeto de pesquisa à qual a própria Ferreira está ligada --- “Traduzir Derrida” adscrito ao Departamento e Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. A referida atividade acadêmica está voltada não somente para a tradução de obras de Derrida, mas também para a elaboração de trabalhos críticos sobre a produção do renomado filósofo.

Com respeito aos vocábulos *tradução* e *desconstrução*, palavras cruciais contidas no título do texto de Ferreira, é importante lembrar que o subtítulo do mesmo é “seu papel na Universidade Brasileira”. Sem dúvida, a presença das idéias derridianas é essencial no contexto universitário brasileiro, não sendo privativas à área de estudos da tradução, mas

presentes nos campos de filosofia, crítica literária e literatura comparada. Nem todos sabem que esse conceito tem sido utilizado na “desconstrução” na área de Direito nos Estados Unidos (Balkin, 1998).

Leila Darin, na comunicação que tem por título “Questões polêmicas nos Estudos da Tradução: foco no ensino-aprendizagem”, examina especificamente a questão da formação de tradutores no contexto universitário brasileiro. À guisa de sugerir subsídios para essa finalidade, a autora apresenta uma reflexão bastante crítica e ponderada sobre o trabalho de Hurtado-Albir (1996), especialista engajada no ensino de tradução e da preparação de futuros professores para a profissão. De acordo com a pesquisadora espanhola, para chegar a ser um tradutor competente, o curso de graduação deve desenvolver nos discentes uma “Competência Tradutória” que abrange uma competência ou proficiência bilíngüe, um conhecimento sobre o mundo e a cultura em geral, conhecimento explícito sobre habilidades cognitivas e conhecimento operacional ou implícito (=como proceder) no ato da tradução. Darin informa que o “aporte metodológico concretiza-se no *enfoque por tarefas* (ênfase de Darin), isto é, no sequenciamento de tarefas de tradução e objetivos de aprendizagem”. Para Darin, uma contribuição do modelo proposto por Hurtado-Albir é “... a gama de exercícios, dinâmicas, atividades e sugestões práticas que os pesquisadores voltados para o ensino-aprendizagem da tradução tem tornado acessível para os docentes”. A reflexão de Darin não se limita simplesmente a louvar o modelo, pois ela apresenta, no decorrer do trabalho, algumas ressalvas com respeito à proposta de Hurtado-Albir. O modelo e a prática de tradução, segundo Darin, podem funcionar num contexto europeu, mas possivelmente seja “um tanto ideal, distante do legado educacional de nosso país”. Outro problema detectado é que o modelo cuja pedra fundamental é um “currículo integralizador” que visa à co-participação de discentes e professores, que, nas palavras de Darin, “... não reconhece a prática pedagógica na complexidade de sua dimensão social, prevendo para o aprendiz condições ideais de cooperação e negociação”. Ela conclui que embora “consistente em seu recorte de base empírico-experimental, não aponta como realmente relevante para a formação do tradutor a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos *teóricos* (ênfase de Darin) que possam, por exemplo, elucidar a natureza política e ideológica da tradução.” Concluindo a sua reflexão, Darin, além de suas considerações de ordem teórica, faz perguntas de ordem prática voltadas para a realidade da maior parte dos tradutores:

“Como orientar negociações com o cliente, como preparar para as parcerias, como lidar com as implicações autorais na confecção de traduções e glossários realizados, por exemplo, por meio de memórias de tradução?”

Essas inquirições por parte de Darin levam diretamente à intervenção de Regina Alfarano cujo texto se intitula: “Perspectivas, Tendências e Polêmicas nos Estudos da Tradução”. Alfarano inicia sua apresentação com as palavras: “Não se pode pensar em tendências e polêmicas nos estudos de tradução sem se considerar o contexto, o universo amplo da tradução no Brasil. E, por contexto e universo entende-se: a teoria e a prática, em seus multifacetados meandros”. O que é importante na prática tradutória, segundo a especialista, é o “não-convencional, o caso a caso”. Uma observação por parte de Alfarano com referência à prática de tradução no mundo real fora dos muros das universidades é o fato de que “o profissional da tradução raramente - muito raramente - é o responsável direto pelo “produto final” do processo tradutório”. Alfarano fala de dois mundos diferentes: o primeiro é o ensino da prática de tradução numa universidade pública e o segundo é o contato intenso com o mercado de trabalho na área de tradução

A realidade nua e crua no mercado de tradução é que muita tradução é feita em equipe e muitas mãos invisíveis participam do ato tradutório tais como o tradutor e vários revisores, além de um desconhecido todo poderoso que dá o “toque final à tradução”. No contexto brasileiro, bem como em outros países, também os textos a serem traduzidos entram numa “linha de montagem”, completamente impessoal, sem a possibilidade de identificar o(s) responsável/ responsáveis e sem controle da qualidade do serviço fornecido, em certos casos. Com respeito à (in)visibilidade, Alfarano fala de outro lugar, diferente daquele a partir do qual Venuti (1985) fala: ela descreve a realidade do processo tradutório realizado em repartições públicas e em empresas internacionais, ao passo que ele se refere a um tradutor contratado para traduzir um romance, uma peça de teatro, um volume de contos, uma antologia de poesias. Dorothy Sayers, a tradutora da *Divina Comédia* de Dante goza de uma visibilidade que uma tradutora contratada pela União Européia para traduzir documentos oficiais dificilmente gozará. Em sua exposição, Alfarano pergunta como se é possível conciliar a visibilidade e a invisibilidade e a teoria e a prática. A visibilidade, objeto de desejo de Venuti, é de interesse institucional por parte dos que lutam por mais “espaço” nas universidades norte-americanas e também em outros países do mundo para a disciplina de estudos de tradução. Existe, por um lado, a visibilidade pública de uma determinada disciplina e a visibilidade individual de um lingüista cientista, tradutor ou teórico da tradução.

Valiosa na apresentação de Alfarano é a referência à história da tradução no Brasil, pois, refletindo bem, muito se avançou desde a fundação do primeiro curso de tradução na década de 1970. O termo “entorno” utilizado por Alfarano significa, na minha leitura, que os cursos universitários têm de lidar com a(s) teoria(s), mas também precisam preparar os discentes para a realidade quando eles se formarem e se inserirem no mercado de trabalho. Darin, ao se referir à conciliação de teoria com a prática, lança mão das considerações de Ottoni (2003: 138): “prática e teoria se interpenetram, se completam e, às vezes, se contradizem”.

O título desta mesa redonda apresenta três palavras ligadas especificamente ao campo de Tradução, isto é, “perspectivas”, “tendências” e “polêmicas”.

Com respeito à primeira, diria que as quatro colegas que participaram da mesa redonda esperam, com base nos seus comentários, o crescimento da disciplina na universidade. Rodrigues considera os estudos da tradução como “... meios de estimular a reflexão sobre o impacto que a tradução produz nas culturas e no próprio conhecimento de um povo”. Além disso, ela considera as idéias advindas do pensamento de Derrida e as reflexões feitas por Arrojo importantes no contexto brasileiro. Ferreira também vê a presença do pensamento derridiano essencial para o campo de tradução, para o preparo do próprio tradutor e para o destino da disciplina na universidade brasileira. Darin traz uma análise equilibrada a respeito das contribuições e limitações do modelo de Competência Tradutória considerado como “um avanço em termos metodológicos”; todavia, ela afirma que o referido modelo ignora problematizações referentes à noção de “autoria”, a “questões de gênero”, e aos “questionamentos desconstrutivistas (tradução como interpretação, transformação, transgressão)”. Com base nessas considerações, diria que existe certa convergência de idéias por parte de Rodrigues, Ferreira e Darin.

É natural que cada participante da mesa veja as tendências na disciplina de acordo com a experiência vivida e o contexto institucional em que atua. Com referência a esta palavra, o segundo vocábulo presente no título, Alfarano enfatiza as mudanças de ordem tecnológica no campo de tradução. A presença de sistemas sofisticados de processamento e

armazenamento de dados está rapidamente mudando o trabalho do tradutor. Nem todas as universidades estão em condições de acompanhar a revolução tecnológica.

Diria que Ferreira e Rodrigues concordariam com a minha recepção do teor de suas respectivas intervenções: por um lado, o pensamento de Derrida deve receber mais espaço na universidade brasileira e, por outro, a universidade deve ser o local indicado para a tradução de obras de grandes pensadores nos moldes do projeto “Traduzir Derrida”. A participação da Universidade na tradução de obras para o português é relativamente nova não sendo “a tendência”, digamos, trinta anos atrás. Outra tendência que deve continuar nos próximos anos por parte de pesquisadores brasileiros na área de estudos da tradução é a introdução de diferentes abordagens e modelos propostos por partidários de diferentes correntes teóricas na disciplina em todas as partes do mundo. O fato de que Darin lança mão do modelo utilizado na Espanha nos cursos de tradução mostra uma vontade de conhecer e experimentar outras formas de lidar com a tradução com o intuito de melhorar o nível dos cursos de formação de tradutores na universidade brasileira. Sem cursos de graduação com excelência acadêmica demonstrada, a própria qualidade dos cursos de pós-graduação cairá. Isto vale realmente para qualquer disciplina. De acordo com a minha recepção dos textos produzidos e apresentados, concluo que nenhuma das conferencistas recomenda uma única teoria, abordagem ou forma de pensar na disciplina de estudos da tradução.

Quanto à terceira palavra do texto, isto é, “polêmica”, quero crer que todas as participantes da mesa concordam comigo que sem a existência de diferentes visões e posturas, qualquer disciplina acadêmica se torna um mero “culto” onde as teorias (ou hipóteses) se tornam “dogmas”.

A polêmica é realmente a força motriz que contribui para a reflexão e o avanço das disciplinas. As questões referentes à preparação de futuros tradutores e professores de tradução sempre vão acarretar polêmicas. Sem polêmica e diferentes pontos de vista, a disciplina não sobrevive. Disputas sobre o currículo desejável em nível de graduação para a formação de tradutores destinados a atuarem no mercado de trabalho e discussões sobre a natureza das disciplinas “ideais” para a formação de futuros mestres e doutores como pesquisadores no campo de tradução sempre estarão presentes. É natural que cada docente proponha um determinado currículo com base na sua experiência acumulada, suas leituras e sua visão do mundo. Por um lado, Darin enfatiza o contexto da graduação ao passo que Alfarano realça o mercado de trabalho. Rodrigues e Ferreira, nas suas intervenções, não identificam um lugar específico, mas depreende-se de suas falas que o contato com as idéias derridianas deve começar em nível de graduação e continuar ao longo do curso de pós-graduação.

Qual seria a base que as quatro pesquisadoras da área de tradução compartilham? Todas acreditam que o seu trabalho é sério. Todas gostam da disciplina e estão convictas de que o campo de tradução tem muito a contribuir para outras disciplinas e para a sociedade brasileira. Eis a minha “leitura” das comunicações proferidas.

Referências

- ARROJO, R. On perverse reading, deconstruction, and translation theory: a few comments on Anthony Pym’s doubts. *TradTerm*, v. 3:9-21, 1996.
- BALKIN, J. Deconstructive practice and legal theory.
<http://www.yale.edu/lawweb/jbalkin/articles/deprac3.htm> Acesso em: 14 ago.2003.

- DAVIS, K. *Deconstruction and Translation*. Manchester: St. Jerome Publishing Co., 2001.
- GENTZLER, E. Expanding horizons or limiting growth? *Target* v. 13, no. 1:160-164, 2001.
- HURTADO-ALBUR, A. *La enseñanza de la traducción*. Castellón: Universitat Jaume I, 1996.
- OTTONI, P. A tradução “entre”o ensino e a aprendizagem: como seguir regras sem dispor de regras para aplicar regras. *Tradução e Comunicação*. No. 12:133-145, 2003.
- PYM, A. Doubts about deconstruction as a general theory of translation. *TradTerm*, v. 2: 11-18, 1995,
- SAID, E. *Orientalism*, New York: Random House, 1978.
- VENUTI, L. *The Translator's Invisibility*. London: Routledge, 1995.